



## **DA CULTURA À CIBERCULTURA: NOVOS LETRAMENTOS E POSSIBILIDADES PARA EDUCAÇÃO**

**BOTTENTUIT JÚNIOR, João Batista**

*Professor do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade – PGCULT /UFMA*  
*joaobj@gmail.com*

**SILVA, Nataniel Mendes**

*Estudante do Mestrado do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade – PGCULT /UFMA*  
*nataniel@ifma.edu.br*

**MENDES, Ana Gardenia Lima Martins**

*Estudante do Mestrado do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade – PGCULT /UFMA*  
*anagardenia\_lm@hotmail.com*

285

### **RESUMO**

As transformações políticas, econômicas, sociais e culturais da transição do século XX para o XXI vêm acontecendo de forma muito acelerada, principalmente, em virtude do desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação. Estas reconfiguram o modo como a sociedade se organiza,(re) criando ou ampliando espaços e culturas, reduzindo distâncias e inaugurando novas possibilidades de comunicação. A educação e os sujeitos que nela operam, enquanto elementos constituintes da sociedade, não estão alheios a essas transformações. Nesse sentido, o presente artigo discute, a partir da ampliação do conceito de cultura proposto por RoqueLaraia, a emergência da cibercultura e os novos letramentos que ela suscita, bem como seus desdobramentos na educação. A pesquisa bibliográfica assenta-se nas contribuições de Pierre Lévy, Manuel Castells e Marcelo Buzato.

**Palavras - chave:** Cultura. Cibercultura. Letramento. Educação.

### **ABSTRACT**

The political, economic, social and cultural transformations of the transition from the twentieth to the twenty-first have been going too fast on, mainly due to the development of Information Technologies and Communication. These reshape the way society is organized,(re) creating or expanding spaces and cultures, reducing distances and opening new possibilities of communication. Education and individuals who operate it as constituent elements of society, are not unrelated to these changes. In this sense, the article discusses, from the broadening of the concept of culture proposed by Roque Laraia, the emergence of cyberculture and new literacies that it raises, as well as its impacts on education. The literature relies on the contributions of Pierre Lévy, Manuel Castells and Marcelo Buzato.



**Keywords:**Culture.Cyberculture .Literacy. Education.

## INTRODUÇÃO

A palavra cultura há algum tempo vem sendo utilizada para designar uma prática de determinado grupo, geralmente ligado às elites econômicas, que acredita também pertencer a uma “elite cultural”. Alguém, por exemplo, que não teve acesso a determinados bens culturais: livros, músicas, filmes, peças teatrais etc., recebe facilmente a alcunha de “aculturado”, como se isso fosse suficiente para caracterizar o “nível ou ausência” de cultura no indivíduo. Quando, na verdade, a acepção primeira da palavra cultura mantém uma estreita ligação com aquilo que é simples, natural, aquilo que vem da natureza, (EAGLETON, 2011).

Tentar conceituar “cultura” parece não ser o caminho mais salutar para a compreensão de como a sociedade se organiza. A palavra ainda carrega um ranço franco-germânico de associação a determinadas práticas e saberes restritos aos mais abastados. Na contemporaneidade, sobretudo por conta do fluxo de informações compartilhadas entre os habitantes do globo, qualquer tentativa de conceituação seria inócua. Esse compartilhamento “destrói” fronteiras, línguas, hábitos, nações e outros elementos que outrora serviam para caracterizar determinada cultura. As culturas agora são fluidas, intercambiáveis, fragmentadas e abertas, o que torna impossíveis as tentativas de conceituação. O que seria, por exemplo, cultura popular? A música popular é o avesso ou sinônimo de música pop? É possível fazer música caipira trocando as violas por sintetizadores? E a arte dita erudita fica restrita aos museus? O cordel de Patativa do Assaré chegou à academia? Existe orquestra sinfônica que toca samba?

Está longe das pretensões deste trabalho tentar responder a esses questionamentos, até porque cada um deles já daria um rico e complexo objeto de estudo. Cabe aqui comprovar que na sociedade contemporânea, influenciada fortemente pela facilidade e velocidade com que as informações circulam no globo, fundem-se as fronteiras geográficas e culturais. Torna-se



cada vez mais difícil categorizar o que é culto ou popular, formal ou informal, feio ou belo, civilizado ou bárbaro etc. Nos tempos atuais, o homem é um ser com uma identidade híbrida, formada e transformada continuamente segundo os sistemas culturais, que também são híbridos (HALL, 2001).

Essa hibridização cultural é um processo “natural” que acontece quando culturas são justapostas. Talvez o caso brasileiro seja bastante elucidativo para verificarmos como, inicialmente, a fusão de elementos europeus, africanos e indígenas foi traçando, ou melhor, trançando a formação da cultura dita brasileira, a saber; religião, culinária, língua, música, política etc. Uma vez estabelecido o contato entre culturas, cada povo precisou de novos elementos materiais para a compreensão da outra, para a “leitura” do outro. Padres Jesuítas precisaram aprender a língua dos nativos para compreendê-los e, posteriormente, catequizá-los.

Passados cinco séculos, o contato presencial deixou de ser condição *sine qua non* para o intercâmbio das culturas e fluxo de informações. Agora, a interação acontece entre indivíduos distantes espacialmente, mas muitos próximos virtualmente. A rede mundial de computadores proporcionou a extinção ou, pelo menos, a minimização dos lapsos temporais e espaciais que dificultavam a interação entre as pessoas. O ciberespaço (LÉVY, 1999) proporciona o encontro e a troca de dados entre indivíduos distribuídos por todo o planeta. Nesse espaço as culturas são fortemente influenciadas pela cibercultura. Esta por sua vez acarreta novos letramentos, habilidades, necessidades comunicativas. O indivíduo, por exemplo, que não sabe manusear alguns equipamentos, não conhece determinados programas computacionais, ou mesmo não consegue decodificar textos marcados pela multimodalidade (fusão de palavras, imagens e sons num mesmo texto), está à margem de muitos processos comunicativos mediados por máquinas (computadores de mesa, notebooks, *tablets*, celulares etc.) conectadas à internet.

Nesse cenário marcado por transformações tecnológicas, interessa-nos discorrer sobre a emergência da cibercultura, avaliar os novos letramentos por ela suscitados, bem como propor algumas alternativas para uma educação mais emancipadora e inclusiva, do ponto de vista tecnológico.



## DA CULTURA À CIBERCULTURA

As tentativas de conceituação para o vocábulo “cultura” têm sido, em muitos casos, preconceituosas e/ou reducionistas. Primeiro, porque se convencionou concebê-la como um modo de vida mais “sofisticado”; segundo, porque não dá conta de caracterizar a sociedade contemporânea, cada vez mais fluida e hibridizada.

A partir de uma conceituação historicamente construída do termo *kultur*, cunhado no século XVIII pelos alemães, para a construção ou busca de uma suposta identidade (que agregava, obviamente, a ideia de superioridade em relação aos outros países, sobretudo à França), a imputação de um comportamento “refinado”, que inclui filmes, livros, peças teatrais, espetáculos etc. considerados “bons”, a uma elite intelectual e financeira, tem sido o parâmetro mais comum na sociedade para diferenciar “cultos de ignorantes”. Eagleton (2005) chama essa acepção de cultura de “especialização às artes”, que abrange tanto a atividade intelectual (Filosofia, Política, Ciências etc.), quanto as artes ditas canônicas (Literatura, Artes Plásticas etc.). O perigo desse tipo de leitura para o termo é que “[...] tão logo cultura venha a significar erudição e as artes atividades restritas a uma pequena proporção de homens e mulheres, a ideia é ao mesmo tempo intensificada e empobrecida” (EAGLETON, 2005, p. 29).

A humanidade já pagou, e paga até hoje, um preço muito alto por acreditar na pseudo--ideia de superioridade de raça ou cultura. Nazismo e Apartheid são dois, de muitos, tristes episódios da história da humanidade, em que a perseguição, tortura, escravidão, dizimação são “justificadas” por teses infundadas. Infelizmente, algumas dessas ideias ainda estão vivas e espalhadas pelo planeta.

Talvez o mais salutar seja, em vez de uma mera conceituação para “cultura”, uma discussão e ampliação do termo. Roque Laraia (2001), a partir das ideias de Kroeber, destaca os seguintes pontos:

[...] 3. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o seu equipamento superorgânico.



4. Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu hábitat.
5. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas [...]. (LARAIA, 2001, p.26).

Uma vez pensada enquanto meio de adaptação, a cultura, neste caso, consegue contemplar toda a espécie humana. Seria, por exemplo, inadequada a frase “fulano tem cultura”. Não se trata de ter, possuir, mas de ser ou adquirir pelo simples fato de nascer. A própria existência humana, nas tentativas de adaptação à vida, já é algo cultural. Todos, com maior ou menor complexidade técnica, criam e/ou aperfeiçoam equipamentos que, em tese, facilitam a vida da humanidade. O ser humano foi desenvolvendo, gradativamente, soluções práticas para os percalços da vida. É assim desde o Paleolítico, em que instrumentos rudimentares, fabricados a partir de pedaços de ossos e pedras, auxiliavam o nômade caçador. Um pouco mais adiante, com a descoberta do fogo, as pessoas podiam agora, entre outras tarefas, espantar animais selvagens, cozinhar os alimentos, proteger-se das intempéries e iluminar a habitação. Seja o machado de madeira e pedra, o fogo, ou o mais avançado equipamento de informática, podemos atestar, a partir, dos registros da história, que todos os inventos e descobertas da humanidade alteraram em alguma proporção o seu *modus vivendi*. Machado, fogo, ábaco, papel, escrita, sistema numérico, imprensa, relógio, navio, bússola, astrolábio, eletricidade, geladeira, máquina de lavar, lâmpada, telefone, avião, sistema binário, computador, celular são apenas alguns exemplos de como determinados inventos e descobertas alteraram definitivamente a cultura da humanidade.

Como não considerar que as formações e transformações culturais são, e muito, impulsionadas pelas descobertas tecnológicas? Concomitantemente às descobertas, a humanidade foi desenvolvendo uma(s) cultura(s). Embora isso pareça óbvio, no sistema educacional brasileiro, por exemplo, as transformações culturais advindas com o avanço tecnológico são, em muitos casos, omitidas do currículo. Sobre isso, discorreremos adiante.

Por ora, retornamos à ideia do antropólogo brasileiro Roque Laraia de que as formas criadas pela humanidade para sua adaptação ao mundo são elementos constituintes da



cultura e que o aprendizado é a tônica desse processo, contrariando os pressupostos de que as ações humanas seriam geneticamente determinadas. Uma dessas formas de adaptação foi a criação do computador, e seus correlatos, conectado à internet, agregando, ainda que nem sempre de forma pacífica, pessoas, culturas e nacionalidades distintas.

O surgimento da internet e, com ela, a possibilidade de comunicação em rede anunciam o também o aparecimento de um novo espaço, o ciberespaço, ou seja,

[...] um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p. 17).

Não estamos falando “simplesmente” de uma interconexão mundial de computadores, mas obviamente de uma interconexão mundial de pessoas em um ambiente onde as trocas informações e o contato entre culturas são incessantes. Os usuários da rede alimentam e, ao mesmo tempo, são alimentados por esse universo partilhado. Estamos diante, agora, não de uma “nova” cultura, mas de uma ressignificação e agrupamento, a partir da comunicação em rede, de inúmeras culturas, impulsionados pela constante necessidade humana de adaptação ao meio. O ciberespaço possibilitou o surgimento do que Lévy chama de cibercultura. Para ele, o termo designa “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17). Uma vez instaurada, novas práticas sociais e discursivas, além da necessidade de novos letramentos emergem da cibercultura.

## **LETRAMENTOS E EDUCAÇÃO**

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são uma realidade na vida de muitas pessoas espalhadas pelo planeta. Elas são o suporte material para as práticas que acontecem na cibercultura. Equipamentos eletrônicos, incluindo o computador conectado à



internet programas computacionais, fazem parte dessa miríade. A partir desse suporte, novas técnicas intelectuais são suscitadas para que o indivíduo possa fazer parte desse universo. O surgimento de novos aparatos tecnológicos exige das pessoas, até por uma questão de adaptação ao meio, comportamento e raciocínio específicos. E para transitar na cibercultura, o indivíduo precisa estar provido dessas habilidades, desses “letramentos”.

Não nos interessa aqui, diante dos vários estudos já realizados, fazer um apanhado histórico do termo “letramento”; mas, para nos situarmos, recorremos a Soares, (2004, p 25). Para a autora, o termo serve para “nomear as práticas sociais de leitura e escrita mais avançadas e complexas que as práticas de leitura e escrita resultantes da aprendizagem do sistema de escrita”. Letramento implica em algo que vai muito além da mera decodificação de signos, significa, grosso modo, o uso social da língua. É possível que uma pessoa saiba ler, no entanto, fazer o uso social dessa leitura por não conseguir responder às exigências de comunicação que a sociedade contemporânea lhe impõe.

Falar em contemporâneo é falar em TIC. Estas ampliam o significado de letramento para letramento digital. Para Aquino (2005), este significa

[...] o domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias. Um indivíduo possuidor de letramento digital necessita de habilidade para construir sentidos a partir de textos que mesclam palavras que se conectam a outros textos, por meio de hipertextos, links e hiperlinks; elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície (textos multimodais). Ele precisa também ter capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através dos sistemas computacionais. (AQUINO, 2005)

Para Buzato (2007), os letramentos digitais são “redes complexas de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, se entrelaçam, se contestam e se modificam mútua e continuamente por meio, em virtude e/ou por influência das TIC”. Na cibercultura, é assim que a informação circula, as práticas sociocomunicativas são mediadas e transformadas por dispositivos tecnológicos. A ideia de texto, por exemplo, é completamente ressignificada a





partir da inserção de elementos sonoros e pictóricos no mesmo plano. O texto agora é multimodal e conecta-se a outros textos (hipertextos). A textura do papel convive com o brilho do monitor do computador. Quem não consegue desenvolver práticas de letramento digital não consegue também, por exemplo, explorar as potencialidades educacionais da cibercultura.

Como já citado, o indivíduo a partir da necessidade de adaptação ao planeta, desenvolve sua cultura e com ela a dependência cada vez maior do aprendizado, Laraia (2001). Quando falamos em aprendizado, lembramos, entre outras coisas, de uma instituição criada sob a premissa de ensinar e/ou educar: a escola. Esta tem por obrigação legal e moral garantir aos sujeitos alunos o contato com o conhecimento historicamente construído pela humanidade. Isso inclui, no contexto atual, práticas sociocomunicativas, que têm o computador conectado à internet como suporte. As mudanças socioculturais engendram também mudanças educacionais. As tentativas de adaptação do indivíduo ao planeta são sempre no sentido de facilitar sua vida, de “melhorar o mundo”. O uso da TIC não escapa a esse propósito, desde que seja pensado em seu contexto educativo. Para Buzato (2006), pensar nas tecnologias da informação e da comunicação – TIC - como oportunidades de “melhorar o mundo” é, obrigatoriamente, pensar em educação.

Sabemos que, infelizmente, o avanço tecnológico e as benesses da globalização não chegam de forma equitativa para todos. Para alguns sobram apenas as agruras.

Um dos traços marcantes do atual período histórico é, pois, o papel verdadeiramente despótico da informação. Conforme já vimos, as novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares (SANTOS, 2005, p.38).

Acreditamos que a inserção de alunos, sobretudo aqueles oriundos de escolas públicas, os filhos das massas, no contexto da cibercultura, através de práticas de letramento digital, pode contribuir significativamente para amenizar as desigualdades sociais do país.





O letramento digital, motivado pelas escolas, é, para os estudantes, um forte recurso de poder, porquanto a informação faz uma tremenda diferença numa sociedade de desigualdades, como a do Brasil. Assim, quanto mais alunos das redes públicas (filhos das massas) tiverem oportunidade de acesso à Internet, mais será extraordinária a força da informação, matéria-prima que precisa ser lapidada para se transformar em conhecimento capaz de servir como escudo contra a ignorância, a subserviência e a enganção. (NÓBREGA; MACIEL, 2008, p.1139)

A urgência do incremento de práticas de letramento digital na escola não é justificada por um modismo, ou por acharmos que a tecnologia é uma espécie de panaceia para todos os problemas, que não são poucos, da educação do Brasil. Essas práticas são legítimas em uma escola que pretende oferecer uma educação inclusiva e emancipadora. Inclusiva no sentido de garantir que alunos exerçam sua cidadania plenamente na era digital, através de práticas sociocomunicativas. Ler um e-mail, fazer uma pesquisa na internet, avaliar as informações disponíveis, acompanhar blogs especializados em determinados assuntos de interesse escolar, criar blogs, participar de fóruns e redes sociais voltados para educação, acessar sites jornalísticos, etc. são algumas das atividades possíveis na cibercultura. A escola deve ainda garantir a autonomia dos alunos, orientando-lhes como pesquisar e extrair informações significativas na rede mundial de computadores. Considerando o uso pedagógico da internet, a escola precisa, de fato, apreender o conceito de aprender a aprender. Numa aprendizagem baseada na Internet,

[...] o fundamental é trocar o conceito de aprender pelo de aprender a aprender, já que a maior parte da informação se encontra on-line, e do que realmente se necessita é de habilidade para decidir o que queremos procurar, como obtê-lo, como processá-lo e como utilizá-lo para a tarefa que despoletou a procura dessa informação. (CASTELLS, 2004, p. 300)

Temos consciência que para efetivação dessa proposta educativa são necessários inúmeros investimentos em tecnologia material e, principalmente, tecnologia intelectual, que passa por uma melhor formação docente, que dê conta das rápidas transformações operadas pelo advento das TIC. Vale lembrar que o lugar da cultura na sociedade é influenciado pelo uso da tecnologia, que, gradativamente, deixa de ser instrumental para fazer parte da estrutura



social, influenciando novas percepções e linguagens. Sobre essa mudança, Martín-Barbero (2006) afirma que

[...] o lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente *instrumental* para espessar-se, condensar-se e converter-se em *estrutural*: a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas, sim, a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54, grifo nosso)

Essas novas possibilidades, por fazerem parte do cotidiano de muitas pessoas, devem fazer parte também da escola. Afinal de contas a educação é, ou pelos menos deveria ser, para a vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da ampliação do conceito de cultura proposto por Laraia, especialmente as considerações sobre adaptação ao meio e dependência do aprendizado, localizamos o papel da tecnologia na sociedade, a emergência da cibercultura, as necessidades por ela demandadas, bem como seus desdobramentos no contexto educacional.

Face ao exposto, fica evidente que as transformações culturais devem ser consideradas e incorporadas nas práticas escolares. Em especial no tocante ao uso das TIC. Se por um lado essas tecnologias não vão acabar com os problemas educacionais do país, por outro, podem garantir um maior acesso à informação, minimização das desigualdades, bem como uma maior inserção de alunos na chamada cibercultura. Utilização de blogs, redes sociais virtuais, vídeos, apresentações multimídia, podcasts, webquests são algumas ferramentas com potencial pedagógico que podem ser exploradas por alunos e professores.

Uma nova realidade cultural engendra da mesma forma uma nova realidade educacional. As TIC associadas a práticas constantes de letramento digital e a, principalmente, uma boa proposta metodológica parecem ser o caminho mais interessante de adaptação da



educação a escolar às rápidas transformações culturais que se processam na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Renata. **Usabilidade é a chave para aprendizado em EAD**. Disponível em: <http://www.universiabrasil.net>. Acesso em: 29 de janeiro de 2014.

BUZATO, M. E. K. **Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital**. 2007. 285 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. **Letramentos Digitais e Formação de Professores. III Congresso Ibero-Americano EducaRede**, 2006. Disponível em: <[http://www.educared.org/educa/img\\_conteudo/marcelobuzato.pdf](http://www.educared.org/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf)> Acesso em: 26 de março de 2013.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Lisboa: Actividades Editoriais, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14<sup>a</sup>.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LÉVY, P. **Cibercultura**. S. Paulo: Editora 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, J. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, D. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

NÓBREGA, M. O. MACIEL, J. W. G. **Letramento digital: um terreno fértil para o multiculturalismo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE LETRAMENTO. Disponível em: <http://gehaete.uepb.edu.br/trabalhos/2008/mai/7.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2014.



SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n.25, jan./abr. 2004.